

CIBERNÉTICA E COMUNICAÇÃO NO GRUPO FAMILIAL

JOSÉ MARIA NASCIMENTO PEREIRA

Dentre os estudos realizados por sociólogos e antropólogos (4,8), vários aspectos do Grupo Familiar estão descritos com a finalidade de explicar sua posição e sua dinâmica. Diferentes gerações de cientistas sociais pertencentes às mais variadas escolas citam a "Família" como um sócio-grupo solidário ou ainda como um agrupamento individual e social (5). Tais autores (6, 9, 12) enfocaram suas pesquisas e estudos dentro dos limites da Microsociologia desenvolvendo raciocínios convergentes para uma conceituação unânime, salientando a característica da família como grupo matriz. Posteriormente a Psicologia também apresentou incursões interpretativas de relevante expressão científica (7) numa tentativa de compreensão da dinâmica dos diversos grupos, inclusive o familiar.

Concluído esse resumo, à guisa de introdução ao texto do principal assunto que pretendemos expor, não se pode ignorar a quantidade bastante elevada e de excelente qualificação científica das publicações sobre estudos referentes ao grupo familiar. Todavia, nosso objetivo principal está ligado à contribuição que a Teoria Cibernética — mais especificamente a da comunicação — trouxe para complementar os estudos relativos à dinâmica do Grupo Familiar. De início, é importante esclarecer que, apesar das possibilidades generalizantes dessas teorias, nosso modelo de estudo está nitidamente situado no âmbito de uma realidade local, permitindo — quando muito — inferências extensíveis às dimensões regionais. Queremos enfatizar que nosso trabalho resulta de uma vivência de (vinte) 20 anos de atividade pro-

fissional (11) enormemente auxiliada pelo manuseio bibliográfico cotidiano sem a pretensão de esgotar o tema, todavia.

Ficando estabelecida nossa posição, passaremos a expor a matéria propriamente dita, que é, afinal de contas, o escopo verdadeiro de nosso trabalho. Pretendemos iniciá-lo localizando a conceituação de Grupo e de Família que foi adotada por nós como unidades teórico-doutrinárias operacionais a fim de tornar nosso pensamento claro, evitando quaisquer equívocos.

Baseado em Olmsted (9), Sprott (13) e Freud (11), classificamos com a denominação de "grupo" toda reunião de duas ou mais pessoas, cujo relacionamento se apresente como uma unidade funcional a partir de um determinado ponto referencial e situá-lo em certo contexto, com as seguintes características:

- a) objetivos comun(s) aos seus componentes;
- b) conscientização dos vínculos entre cada membro e o grupo;
- c) código ético-moral (implícito ou explícito) regulamentando o relacionamento entre os seus elementos;
- d) duração no tempo (variando entre poucos minutos e vários anos).

Fundamentado nos estudos de Goode (4), Mead (8), Sprott (13), Timms (14) e Willems (16), escolhemos para elemento de trabalho o conceito de Família nuclear, com possibilidades menores de universalização, porém bastante representativa da realidade sócio-antropológica local e contemporânea, caracterizando-se por:

- a) formação a partir do acasalamento entre homem e mulher;
- b) descendentes "consanguíneos" ;
- c) residência sob teto comum (habitação);
- d) dependência e subordinação a uma chefia (*status*) não sancionada.

O GRUPO "FAMILIAL"

Torna-se óbvio que a partir da junção dos dois conceitos precedentes construímos a unidade operacional "como ponto de referência no presente trabalho, dentro de cujos limites pretendemos explicar as ocorrências cibernético-comunicacionais, conforme nosso modo de compreensão.

Sendo a Cibernética um ramo do conhecimento humano essencialmente interdisciplinar, que procura interpretar o funcionamento de organismos, enquanto sistemas, fizemos a opção de aplicá-la no estudo da dinâmica do grupo familiar a partir da terminologia específica dos fenômenos denominados sob o título de "comunicação".

Sem forçar os fatos, é possível considerar o grupo familiar como um conjunto (organismo) segundo um princípio sistematizador e daí em diante fazer uma abordagem (*approach*) operacional sob perspectivas tipicamente comunicacionais. Assim é que o grupo familiar pode ser classificado como um microssistema, em constante intercâmbio com o macrossistema social, com circulação privativa (interna e exclusiva) de mensagens, ao lado de um canal-circuito, através do qual recebe os sinais do mundo ambiente (social).

Estudado através desse modelo, atribuímos ao Grupo Familiar responsabilidade pelos seus membros dentro de, pelo menos, duas funções:

- a) decodificar as mensagens do macrossistema;
- b) treinar os indivíduos-sistemas para o macrossistema.

Em nosso modelo conceitual a execução dessas tarefas está reservada ao membro do casal que detém uma posição de comando quase sempre ligada ao *status*, através de uma liderança imposta aos membros subordinados. Entretanto, é bastante freqüente a alternância desse comando, quer de modo aleatório, quer de maneira regular, em virtude de uma cumplicidade tácita que se estabelece arbitrariamente com o fim de atender às “necessidades” de ajustamento dentro do microssistema. Para isto se instalam sinais convencionais em que a forma e o conteúdo são estereotipados, a serviço da solidariedade (unidade e continuidade) do organismo familiar, até que, aos poucos, vai se delineando o “código” do Grupo Familiar, iniciando sua “nucleação”. A partir de algum tempo torna-se inevitável o circuito de dois códigos: o “oficial”, imposto pelo membro dominante, e o “paralelo” ou “clandestino”, que é produzido pelo membro do casal que fica em posição “subordinada”. É importante assinalar a variedade de arranjos em combinações entre os dois tipos de códigos cujas mensagens passam a circular entre os descendentes “consanguíneos” do Grupo Familiar. Os componentes do casal passam a desempenhar a tarefa de decodificação do macrossistema tendo em vista a preservação da uniformidade de todo o grupo, através dos canais da sugestão, da persuasão, da tradição, do preconceito, da doutrinação, de condicionamentos etc. Seja como for, o objetivo é conservar e preservar a solidariedade do microssistema familiar. A “programação” do Grupo Familiar é complexíssima, pois está intrinsecamente vinculada à estória de cada componente do casal e das vivências do novo conjunto que agora começa a compor uma nova “biografia” (3, 10), contando-se sua origem quando acontece o fato do acasalamento, de modo que a sua memória (do recém-formado

microsistema) passa a ser composta por três tipos de "signos" ou "símbolos".

A medida que o número de componentes do Grupo Familiar vai se modificando (novos filhos que nascem, genros e noras etc.), os mecanismos de *feed-back* ou de retro-alimentação passam a se manifestar sob quantidades e qualidades variadas que vão se automatizando até se constituir na "atmosfera grupal" com "metabolismo" peculiar.

A consolidação desse clima vive sob permanente ameaça de dissolução pelo fato de o Grupo Familiar não poder sobreviver fechado sobre si mesmo como um sistema auto-suficiente, uma vez que é obrigado a se "abrir" para o macrosistema social através de:

- a) escola (primária, secundária etc.);
- b) vida social (clubes, aniversários, esportes etc.);
- c) meios de comunicação (jornal, cinema, TV, telefones etc.);
- d) grupos (curriolas, turma, equipes etc).

Todos esses elementos "penetram" — através de mensagens — no microsistema familiar interferindo no "código oficial", alterando-lhe a estrutura e a circulação. Essa é uma das razões pelas quais os pais vigiam as leituras, as companhias dos seus filhos e os proíbem de frequentar as festas ou reuniões onde o "código privado" da família venha sofrer abalos significativos. Principalmente se houver ameaça à escala de valores do Grupo Familiar ou de desfalque do número dos componentes (saída de filho para estudar fora do lar, casamento com pessoa "não aprovada" pelo microsistema etc.).

Há portanto um ou mais de um membro que exerce atividade filtradora de "ruídos" externos, atuando como "seletor" ou "censor" de mensagens.

A par de tudo isso a sobrevivência do Grupo Familiar está também sob permanente influência das "forças de relação" que aglutinam seus componentes, como num sistema físico-químico (7) em equilíbrio instável. As mensagens circulantes internas, que não ultrapassam os limites do microsistema provocam desgastes e exigem absorção de energia, produzindo resíduos que vão se juntar às sobras (rejeições) das mensagens provenientes do macrosistema.

Esses resíduos vão se acumulando de maneira a se constituir no elemento negentrópico (15) dentro de um sistema organizado.

A entropia (15), sendo um fator de desordem na ordem de um organismo-sistema, deve ser reduzida a proporções mínimas compatíveis com a sobrevivência desse próprio organismo.

Manipular a entropia que se forma no interior de um sistema requer conhecimento teórico e efetivo exercício (habilitação prática) para resguardar o nível homeostático do organismo em questão.

No Grupo Familiar esse trabalho é executado por todos os componentes, embora sob o comando de um líder que regula o ritmo e o tom do trabalho a ser executado. Somente através de um ideal de harmonia e cooperação o trabalho grupal atingirá o desempenho esperado.

As discrepâncias surgidas podem influir nos resultados, provocando o desnível entre desempenho ideal e desempenho real.

Cada "indivíduo-sistema" tem um ritmo pessoal e um metabolismo próprio. Num Grupo Familiar os movimentos de acomodação e de ajustamento são embaraçados pela dificuldade de se oficializar os *status* e os "papéis" de cada componente e sempre ocorre quando um membro assume uma posição que não é aprovada (sancionada) e o desgaste (entropia) perturba o progresso do grupo, reduzindo o ritmo e aumentando a tensão entre seus componentes. A distribuição de tarefas é feita de maneira vaga ou omissiva deixando margem para uma competição não cooperativa, simplesmente porque faltam aos líderes do Grupo Familiar (o casal) critérios ou parâmetros definidos (ainda que arbitrários). Num sistema formado por camadas, distribuídas ou situadas em níveis diferentes, o índice de estabilidade desse organismo está diretamente subordinado ao número de indivíduos com aspirações de mobilidade e em trânsito efetivo.

Se há para cada indivíduo probabilidades infinitas de deixar seu nível e alcançar "papéis" ou *status* em um nível diferente do seu, o metabolismo desse organismo será tanto mais intenso quanto maior for o número de indivíduos circulantes (4). No Grupo Familiar pode-se aplicar o princípio da mobilidade populacional baseado nos estudos de Sociologia Urbana (4, 5, 6, 14), guardadas as devidas proporções, é claro. Ou ainda o princípio do fenômeno físico denominado como osmose, onde uma membrana permeável separa duas soluções de concentrações (saturação) diferentes, estabelecendo-se um trânsito constante de partículas de tal modo que as duas soluções atinjam um ponto de saturação equivalente.

Seja como for, o fenômeno da comunicação no Grupo Familiar oferece um amplo e inesgotável campo de estudos e de aplicação prática que não poderiam caber nos limites de nosso trabalho. Estamos desenvolvendo estudos e pesquisas que virão a público no momento oportuno. Para concluir, acrescentaríamos mais alguns aspectos que se referem às medidas de sobrevivência da família como Grupo Matriz no mundo contemporâneo. O binômio lar-escola desempenha um papel de especial valor na perspectiva comunicacional. Cada dia as famílias estão enviando seus filhos para a escola em maior quantidade. Cada geração inicia seus estudos com idade menor que a geração precedente. As escolas maternas deixaram de ser um local simples de recreação ou lazer e se transformaram em oportunidades excelentes para o desabrochar da criatividade de cada criancinha,

desenvolvendo-lhe o potencial de comunicação ao mesmo tempo que as exercitam com símbolos e signos (linguagem).

Diante dessa fato consumado, é impossível negar o valor excepcional com que se apresenta nos tempos atuais a Teoria da Informação, no seu dimensionamento social amplo e, ainda mais, a necessidade urgentíssima de se colocarem na prática real quotidiana equípes técnicas interdisciplinares no planejamento global dos programas de Educação.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — AZEVEDO, M. *Cibernética e vida*. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 79-91.
- 2 — CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. *Dinâmica de grupo*. S. Paulo, Herder, 1967. p. 340-344.
- 3 — EHRENWALD, J. *Neurosis in the family*. New York, Harper, 1963. p. 11-23.
- 4 — GOODE, W. J. *Revolução mundial e padrões de família*. S. Paulo, Ed. Nacional, 1969. p. 38-125.
- 5 — HOMANS, G. C. *El Grupo humano*. Buenos Aires, Ed. da Universidade, 1968. p. 34-37 e 213-301.
- 6 — KEESING, F. *Antropologia Cultural*. R. de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. p. 390-433.
- 7 — LEWIN, K. *Problemas de dinâmica de grupo*. S. Paulo, Cultrix, 1970. p. 100-118.
- 8 — MEAD, Margaret. *Macho e fêmea*. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 247-258.
- 9 — OLMSTED, M. S. *El Pequeno Grupo*. B. Aires, Paidós, 1963, p. 16-20.
- 10 — ORIGLIA, D. *Psychologie du mariage et accord sexuel*. Paris, Buchet-Chastel-Corraea, 1959. p. 519-523.
- 11 — PEREIRA J. M. N. — Reações grupais à chegada do observador. *R. da Faculdade de Medicina da U.F.C.* Fortaleza. 7 (1) junho, 1962.
- Alguns aspectos contratransferenciais em psicoterapia de grupo. *R. da Faculdade de Medicina da U.F.C.* Fortaleza. 7 (1) junho, 1962.
- A Interpretação em grupoterapia e alguns aspectos teóricos e práticos. *R. da Faculdade de Medicina da U.F.C.* 8 (1): 27-30, junho, 1968.
- Uma Pesquisa em grupoterapia: a migração intergrupar. *R. da Faculdade de Medicina da U.F.C.* 8 (1) : 3-10 jun. 1968.
- Sobre a localização "conservadora" de alguns pacientes em grupoterapia. *R. da Faculdade de Medicina da U.F.C.* 9 (2) : 81-86 dez. 1968.
- 12 — SHEPHERD, C. R. *Pequenos grupos*. S. Paulo. Atlas, 1963. p. 16-21.
- 13 — SPROTT, W. J. H. *Grupos humanos*. B. Aires, Paidós, 1964. p. 61-80.
- 14 — TIMMS, N. *Sociologia e problemas sociais*. Coimbra, Atlântida, 1970, p. 77-93.
- 15 — WIENER, N. *Cibernética e sociedade*. São Paulo, Cultrix, 1963, p. 12-71.
- 16 — WILLEMS, E. *Antropologia cultural*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966. p. 97-107.